

**EDUCAR PARA O SOCIAL: LEITURA E SOCIEDADE NO LIVRO INFANTO-
JUVENIL *APOROFOBIA: VOCÊ NÃO CONHECE A PALAVRA, MAS CONHECE O
SENTIMENTO***

Wellington Medeiros de ARAÚJO¹
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
wellingtonmedeiros@uern.br

RESUMO: Ao se debruçar sobre livros dedicados ao público infanto-juvenil, o que se tem habitualmente lido é uma lição pedagógica voltada à formação do espírito desse sujeito. Deixar uma lição ou modelar padrões de comportamento com fins ao serviço do que se chama de “boa conduta” tem sido a regra. Desde os contos de fadas, tem sido esse o procedimento. Nesse estudo, como objetivo principal, propõe-se realizar uma leitura do texto literário enquanto prática pedagógica voltada à temática social e ao desenvolvimento crítico do aluno. De base bibliográfica, portanto, o estudo qualitativo apresentado tem na leitura do livro infanto-juvenil *Aporofobia: você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento*, de Blandina Franco e José Carlos Lollo, e no exercício de análise literária, o procedimento metodológico. Do ponto de vista da investigação teórica, o conceito implícito de estrutura, como correlação sistemática das partes (Candido, 1989) e alguns conceitos da narrativa, como o desenvolvimento do tema e sua relação com os personagens, dão suporte à pesquisa realizada. Dessa maneira, procura-se realizar um passeio pelos elementos constitutivos da materialidade do livro que dão sustentação a essa categoria da ficção. Formar uma subjetividade crítica, capaz de discernir processos de configuração da convivência em sociedade, bem como demonstrar a relevância estético-social do fazer literário para o público infanto-juvenil são resultados almejados na circulação da leitura desse e de outros materiais semelhantes.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa; livro infanto-juvenil; sociedade; Aporofobia.

**EDUCATION FOR THE SOCIAL: READING AND SOCIETY IN THE
CHILDREN'S BOOK *APOROFOBIA: YOU DON'T KNOW THE WORD, BUT YOU
KNOW THE FEELING***

ABSTRACT: When reading books for children and young adults, what we typically read is a pedagogical lesson aimed at shaping the mind of that individual. Teaching a lesson or modeling behavioral patterns for the purpose of serving what is called “good conduct” has

¹ Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

been the norm. This has been the procedure since fairy tales. This study's primary objective is to read the literary text as a pedagogical practice focused on social themes and the student's critical development. Based on bibliography, the presented qualitative study uses the reading of the children's book *Aporofobia: you don't know the word, but you know the feeling* by Blandina Franco and José Carlos Lollo and the exercise of literary analysis as the methodological procedure. From the perspective of theoretical research, the implicit concept of structure as a systematic correlation of parts (Candido, 1989) and some narrative concepts, such as the development of the theme and its relationship with the characters, support the research. In this way, we seek to explore the constitutive elements of the book's materiality that support this category of fiction. The desired outcomes of this and similar materials are to develop a critical subjectivity capable of discerning processes that shape social coexistence, as well as demonstrating the aesthetic and social relevance of literary creation for children and young adults.

KEYWORDS: Narrative; children's book; society; Aporophobia.

1 INTRODUÇÃO

O livro de leitura infanto-juvenil pressupõe linguagens e materialidades específicas. O formato da obra, o tipo de papel utilizado, as cores, as formas, os desenhos e, inclusive, os assuntos tratados constituem um universo que não cessa de se ampliar e se diversificar. Livros e mais livros preenchem o mercado editorial com fins de sedução a essa camada da população. Dentre os diversos aspectos a serem considerados no momento da leitura dessas obras, o tema faz-se mister na permanência e sobrevivência da obra. Movido por essa constatação, pretende-se, no estudo aqui proposto, a partir da categoria da narrativa de ficção, fazer um reconhecimento de especificidades temáticas, no caso, o social, por meio dos instrumentos organizacionais e composicionais postos na materialidade constitutiva do livro dirigido ao público em pauta.

Moldada nos dias atuais na relação palavra-imagem, a obra literária infanto-juvenil requer um reconhecimento singular na constituição de sua elaboração e disseminação. O leitor e a obra travam novos modos de se relacionarem. Requer, ao mesmo tempo, uma visada do adulto (habitualmente o autor dessas obras) e um comportamento (reação) do mundo da criança e do adolescente. Em outros termos, escrita por um adulto, a obra deve

se comportar como personagem do universo do público infanto-juvenil, atraindo e “encantando” com uma proposição performática capaz de provocar a identificação desses últimos.

A palavra, elemento imprescindível no universo da literatura, parece deixar de ser a protagonista de uma arte para o que foi criada. Os entrelaçamentos semióticos trouxeram novas configurações à arte literária, principalmente se pensarmos nos suportes destinados a entreter os públicos diversos do mundo contemporâneo. Seja em formato de livro com palavras, livros com imagens, apenas com imagens, quadrinhos, mangás e alguns suportes digitais, a literatura passou a dialogar com diversas linguagens. Vale ressaltar (e lembrar), a importância de, mesmo em face de todas essas possibilidades, ela não se deixar ser “trapaceada” e esquecer que a palavra no papel ainda é sua razão de ser.

Corroborando a inevitabilidade desse entrelaçamento entre as camadas de linguagem na composição do literário, parte-se aqui para uma tentativa de leitura de um livro destinado às crianças e aos jovens (e aos adultos, conforme se verá adiante).

Para isso, o diálogo entre palavras e imagens despertou o interesse de estudo da obra *Aporofobia: você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento*, de Blandina Franco, com ilustrações de José Carlos Lollo. A palavra, aqui, parece tornar-se secundária. A não ser pelo uso do título, o material verbal aparece no corpo do livro infanto-juvenil como “personagem” que, por um olhar menos atento, parece menos relevante. Depois que nomeia o todo com o título, gerando o sentido global da lição a ser passada, “*enrosca-se*” nas figuras ilustrativas do livro.

Por sua vez, a imagem, no caso a ilustração (figuras, cores e formas), ocupa não parcialmente a estrutura do livro, mas preenche-lhe os espaços todos. Desperta a atenção e tende a seduzir ou não pela composição que emprega. Como corpo, torna-se responsável

pelo dito, pela narrativa em si, pela mensagem a ser transmitida, incorporando, inclusive, o tecido verbal.

Como cerne da discussão em torno da leitura, a imagem fornece boas e profícuas reflexões. Primeiramente, por se colocar em evidência como parte formativa do mundo contemporâneo. Inevitável, atravessa redes e modos de vida. Desde o campo do sagrado, passando pelas artes e ciências em geral, a imagem preenche espaços de abordagem bem particulares. Depois, por relacionar o mundo da infância e do livro em uma inter-relação que se prolonga desde os escritos iniciais dos contos de fadas, em que gravuras destacavam a temática em pauta. Finalmente, ao reconhecer a imagem como formativa de leituras, o livro se põe como materialidade com linguagens distintas das que pareciam predominar, sem perder, com isso, sua funcionalidade e *expertise*.

Nesse sentido, o pequeno “Aporofobia: você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento” cumpre determinadas características que fomentam análise e leituras múltiplas, revelando dimensões da imagem e da palavra que preenche e enriquece nossos (e das crianças e jovens) imaginários.

No caso desse estudo, fomentar o imaginário se posiciona na direção de uma compreensão de que educar, humanizar (Candido, 2004), por meio da literatura, deve ter um atravessamento social.

A fortuna crítica em torno de leituras do literário no mundo infanto-juvenil, quando se tem a pobreza como núcleo central da discussão, é pouca e breve. Aqui e ali toca-se no assunto, mas sempre com o olhar voltado para uma perspectiva outra, como em casos em que a situação da pobreza seja reversível e o sujeito pobre passe a uma realidade econômica “superior”, conforme se pode notar em alguns exemplos de nossa tradição literária e cultural, conforme atestam os contos de fadas em sua maioria.

2 FORMAS E PERSPECTIVAS PRESENTES NA COMPOSIÇÃO DO LIVRO INFANTO-JUVENIL

(...) mas paro por aqui para lhes propor outra coisa agora, que é pensar no livro como objeto que só existe quando é lido.
(Hansen, 2019, p. 35)

A história do livro acompanha o desenvolvimento humano em suas relações históricas, sociais, culturais, compondo uma biblioteca que se abre ao infinito. Enquanto fruto de um trabalho social, coletivo, é para alguns autores

o protótipo por excelência da construção em série, berço da produção industrial: começa com o responsável pelo texto verbal, mas pressupõe o empresário e o editor, a que se somam revisores, capistas, ilustradores, tradutores, cada um convocado num dado momento da produção; depois de pronta a obra, interferem distribuidores e livreiros (Zilberman, 2001, p. 109).

Distante de ser um objeto unívoco, o livro abre-se às transformações históricas, assimilando e subvertendo as possibilidades de trato entre autor-leitor-contexto. Mais do que ser um artefato estanque, pronto, inflexível, o livro permeia novas aberturas de sentido, seja em forma, ou conteúdo:

Ele [o historiador do livro] não deve sustentar um discurso utópico ou nostálgico, mas mais científico, que apreenda em conjunto, mas cada um em seu lugar, todos os atores e todos os processos que fazem com que um texto se torne um livro, **seja qual for a sua forma**. Esta encarnação do texto numa materialidade específica carrega as diferentes interpretações, compreensões e usos de **seus diferentes públicos** (Chartier, 1998, p. 19, grifo nosso).

Nas palavras destacadas do historiador Roger Chartier (1998, p. 19), sobressaem duas proposições: a forma do livro e o público leitor. Para a primeira, a relevância da forma que o objeto assume em diferentes contextos e épocas remonta-se à história dele como

manuscrito que, em seguida, “é herdado por Gutemberg e, depois dele, pelo livro moderno”, constituindo o que Chartier (1998, p. 8) chama de “hierarquia de formatos”.

Não mais objeto fixo em suas dimensões físicas, o livro hoje não obedece a um padrão estático. Apesar de os livros para adultos ainda guardarem uma forma sem grandes (ou nenhuma) alteração substancial, isso já não se aplica quando imerso na cena destinada a crianças e jovens.

A forma geométrica retangular, modular e unicolor se perde na quantidade de títulos publicados diariamente. Os contornos dos volumes assumem dimensões de objetos, funcionam como brinquedos para bebês, transformam-se em quebra-cabeças, elastecem-se em sua materialidade. Isso tudo sem mencionar as possibilidades assumidas pela e na aproximação com outras culturas, como a japonesa, em que o mercado dos mangás e sua leitura reversa (para nós, ocidentais) ganham cada vez mais território na leitura. Aliados a esses dados, cabe mencionar, também, os modos cada vez mais inventivos e interativos do mundo digital, com destaque para os *ebooks*, os *Mobipockets*, os livros digitais de domínio público, e os novos gêneros, como os *webtoons* e os *webcomics*, tão buscados e apreciados pelos jovens.

Fruto de um longo e complexo percurso cultural, social e histórico, a relação entre o livro e o leitor se abre ao campo de discussões em múltiplas áreas e sociedades, conforme as necessidades históricas, geopolíticas e antropológicas. Nesse sentido, não cabe, nesse ínterim, explorar o perfil amplo de um público leitor, conforme o faz Chartier (1998) acima.

Interessa, sim, pensar “a materialidade específica” do texto literário a partir de “diferentes interpretações, compreensões”, destinando-se ao público infanto-juvenil e tendo o livro ou outro meio (digital, eletrônico etc) como suporte capaz de interagir no processo de significação dos enunciados verbais e ou não-verbais.

3 UMA LEITURA DO LIVRO *APOROFOBIA*: REFLEXÕES SOBRE LITERATURA E POBREZA

Pensando a partir do suporte livro, algumas questões fundamentais se põem para que um livro infanto-juvenil, ao ser ambientado na sociedade atual, seja não apenas atrativo, mas também educativo e formador de consciência social. Entre elas, a relevância do tema, em conformidade, por exemplo, com documentos de direitos humanos e desenvolvimento sustentável, e a consciência estética, essencial ao se ter uma visão conceitual do que se está chamando de literatura.

Para o debate aqui proposto, cabe lembrar, de modo amplo e restrito, o conceito de literatura a partir das palavras do Candido (2004, p. 174)

todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Dessarte, as formas poéticas, sejam ficcionais, dramáticas, orais, musicais ou em composição versificada, destinadas ao público infanto-juvenil têm despertado cada vez mais interesse em seus modos de produção, como também em sua abordagem em espaços educativos, visando, cada vez mais, enaltecer a capacidade crítica desse público.

Com um mercado editorial em alta, os livros destinados a essas crianças e esses jovens multiplicam suas formas de dizer, de aparecer e de apresentar temáticas várias. Muitas vezes, contudo, a qualidade do material deixa a desejar e o viés temático não apenas “acrescenta” nada ao universo deles, pelo contrário, chega a prestar um desserviço abordando questões complexas do universo social, cultural, histórico e político da realidade posta.

Nesse sentido, diante da apresentação do pequeno volume de título *Aporofobia: você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento*, de Blandina Franco, com ilustrações de José Carlos Lollo, publicado no ano de 2023, uma lição “salta aos olhos”, exigindo uma tomada de posição crítica em meio a tantas obras distribuídas pelas livrarias e escolas.

Predominantemente visual, daí a lição “saltar aos olhos”, com menos de 50 páginas (47, para ser exato), a obra traz um tema social bastante complexo, o da aversão aos pobres, à pobreza. Para o Padre Júlio Lancellotti (Franco, 2023), autor da contracapa do volume, “o texto e as ilustrações deste livro são como ‘um soco no estomago’”.

Como geralmente ocorre com narrativas destinadas ao público infanto-juvenil – as fábulas corroboram essa ideia, a trama pode rapidamente ser explicitada. Nesse caso, “Aporofobia: você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento”, assim pode ser sintetizada: conta-se a história de uma família que, ao chegar a uma grande cidade, não tem moradia nem meios de sobrevivência, passa a viver na rua, sendo exposta a todo tipo de violência, principalmente a que a julga pela aparência. Ao final, a pergunta sobre o motivo da aversão àquelas pessoas surge como indagação, deixando ao leitor a reflexão sobre o tema.

Desenvolvendo-se a partir de um argumento e de ações, o texto apresenta narrador, personagens, tempo e espaço (Coelho, 1982, p. 49), sendo, por isso, classificado como narrativa de ficção. Tomando por modelo a vida real, a história contada cria uma situação verossímil ao real, quando “o autor parece convidar o leitor a permanecer na camada imaginária que se sobrepõe e encobre a realidade histórica” (Rosenfeld, 1998, p. 21).

Todos os elementos da narrativa indicados estão presentes na obra em discussão. No entanto, e em função da necessidade de um recorte para o desenvolvimento da discussão aqui proposta, apenas a categoria do personagem será devidamente esmiuçada.

Contudo, não se pretende “perder de vista” os demais componentes, até porque nenhum elemento tem sobrevida isoladamente na construção e leitura do texto de ficção.

Organizada estruturalmente em partes que se tensionam e oscilam entre si, a narrativa de *Aporofobia: você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento* deixa entrever, do ponto de vista analítico, o conceito básico de “estrutura como correlação sistemática das partes” (Candido, 1989). Daí se justificar que, ao realizar o recorte na análise do personagem, as demais partes não serem neutralizadas, nem anuladas. A tensão ocorre no enfrentamento de cada elemento da narrativa, mesmo se privilegiando um para discorrer.

Identificado o tema, o que, de certo modo já se explicita no título do livro, antes de se chegar ao personagem e suas marcas, uma importante ressalva se faz necessária, o surgimento e recorrência da palavra “Aporofobia” em textos de natureza vária.

Enquanto tema, a aversão ou rejeição à pobreza e às pessoas pobres tem sido abordada por diversos autores e autoras nas áreas de filosofia, sociologia, educação e direitos humanos. Nomes como Pierre Bourdieu, Boaventura de Sousa Santos, Roberto Schwarz, para ficar com alguns, têm se dedicado ao assunto, tratando-o direta ou indiretamente.

No entanto, o termo “Aporofobia” (*áporos* = pobre, sem recursos; *fobia* = medo ou aversão) aparece como um neologismo usado pela professora e pesquisadora espanhola Adela Cortina, a partir de estudos sobre o problema da imigração e do racismo na Europa e no mundo. Sobre isso, inicialmente constata a filósofa que “o problema não é, então, a raça, a etnia e nem mesmo o estrangeiro. O problema é a pobreza. O mais impressionante nesse caso é que há muitos racistas e xenófobos, mas quase todos são aporófobos (Cortina, 2020, p. 26), para, logo em seguida, chegar ao cerne da questão:

É o pobre, o áporos que incomoda, inclusive o da própria família, porque se considera o parente pobre como uma vergonha que convém deixar de lado, ao passo que é um prazer ter o parente triunfante, bem situado no mundo acadêmico, político, artístico ou no dos negócios. É a fobia do pobre o que leva à rejeição às pessoas, raças e etnias que habitualmente não têm recursos e, portanto, não podem oferecer nada ou parecem não poder fazê-lo (Cortina, 2020, p. 26).

Nesse sentido, a pobreza como ausência de triunfo, carência de bens econômicos e falta de recursos materiais remete a uma questão histórica que permeia a história da humanidade. O sentido da luta de classes atualiza cada vez a problematização em torno das faltas que o capital promove e provoca.

Na literatura, especificamente no que tange à presença de personagens do universo infanto-juvenil, os exemplos podem ser citados em grande número, como, desde os contos de fadas (*A gata borralheira* e *João e Maria*, dos irmãos Grimm, *A pequena vendedora de fósforos*, de Hans Christian Andersen, entre outros), passando pela literatura brasileira (os meninos de rua de *Capitães de areia*, de Jorge Amado, o protagonista de *O meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, as crianças de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e outros de autores como Ruth Rocha, Ana Maria Machado e Bartolomeu Campos de Queirós, para citar alguns entre muitos), até os meios como quadrinhos, mangás e os recursos digitais, em que abundam casos.

Retomando as considerações sobre o livro *Aporofobia: você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento*, cabe, de imediato, prestar atenção ao título. Numa espécie de auto explicação, o título estabelece um diálogo com seu leitor por meio do pronome (funcionando como um vocativo indireto) “você”. O chamado ao “você” possui, nesse caso, uma abrangência carregada de intenções: tanto pode estar sendo direcionada a alguém em particular, ou a um todo, seja qual for o leitor (particular ou universal). O chamamento remete a um campo simbólico de significações, importando, contudo, a ideia

do todo, quando se enfatiza o reconhecimento do sentimento, podendo assim ser esquematizado: “você não conhece a palavra, conhece o sentimento”.

Longe do sentido dicionarístico, a palavra pulsa em sua vivência, correspondendo a um sentido posto no mundo concreto, para isso sendo importante o que se vive, o que se sente. “Aporofobia” é coisa a ser sentida, não dicionarizada, intelectualizada, afinal, expressa algo de ruim, de pior no que constitui o humano: recusa, repulsa e aversão aos menos favorecidos.

Ao “contar” a vida daqueles três personagens vagando pelos cantos da metrópole, a narrativa vai expondo um acúmulo de palavras, ditos, ódios lançados no espaço e nas personagens. Como se mencionou antes, o livro, em função, primordialmente, do público leitor a ser atingido, abre-se tanto à palavra quanto à imagem, estabelecendo, no plano dos sentidos, um complexo significado em que, não apenas o verbal importa, mas as formas, as cores, o tipo de papel em que a obra foi publicada, compondo uma narrativa que se firma no entrelaçamento desses elementos.

Desperta a atenção, logo de início, na capa do livro, a presença de “pessoas”, ou melhor, personagens. Em um primeiro plano, a imagem focada é a da cabeça de um homem de cor clara, grande e observadora – os olhos se destacam no centro da figura da cabeça. A maior parte da página é ocupada por essa cabeça, agigantada e intimidadora. Os olhos observam as demais personagens, em número de três. Elas são menores, apresentam cores escuras e aparecem no canto da página quase esmagadas pela cabeça que quer ocupar a face inteira do papel da capa.

Na contracapa, por sua vez, chama atenção um conjunto de palavras e letras juntas, compondo um amontoado, lembrando um montinho de lixo, pois estão acumulados ali sem fazer muito sentido.

De pequenas figuras na capa, os três personagens adentram as primeiras páginas num crescendo que vai, aos poucos, ganhando espaço e dimensão. Logo na primeira, ao abrir o livro, os três mostram-se defronte a uma cidade. Quase invisibilizados, os corpos vão ganhando contornos de “pessoas” à medida que o objetivo da narrativa vai sendo traçado.

Na aproximação à cidade, definimos os contornos dos corpos, um pai, um menino e uma menina. Isso pode ser concebido pelas formas dos corpos (cabeças, cabelos) e pelas roupas que usam (menina, vestido; menino, camiseta e bermuda; homem, camisa e calça). Os três vão ocupando espaços que se determinam a cada página: um parque, um viaduto, prédios e, enfim, um lugar em que possam sentar-se. Os olhares deles vão sendo direcionados a cada lugar onde se posicionam, parecendo procurar algo.

Pelo recorte das roupas, sem apetrechos e formas diferenciadas, deixam-se ver como personagens sem complexidade psicológica, entrando na caracterização do que é uma personagem plana:

(...) na sua forma mais pura, são construídas ao redor de uma única ideia ou qualidade (...) carecem de profundidade: definidas em poucas palavras, a sua personalidade não reserva surpresa, e a ação que praticam apenas confirma a impressão de *personagens estáticas*, infensas à evolução (Moisés, 2004, p. 398).

Sem “profundidade”, as personagens “planas” parecem esboços sem dimensão psicológica ou atitudes que possam reverter a ordem do que está posto. Seriam como que “espectros” de pessoas, tipos de comportamento que não evoluem.

No livro, os três protagonistas (tudo gira em torno deles e para eles) parecem não revelar nenhuma verticalidade mental, nenhuma surpresa ao questionar o mundo. No entanto, conforme a trama passa de página a página, a surpresa aparece, o ato questionável vem como resposta e recusa à situação posta, conforme explicitado adiante. Se o

protagonismo advém da atitude de estar à frente do ato principal (do grego: *protagonistés: prótos*, primeiro, *agonistés*, ator), segundo Moisés (2004, p. 423), de que modo os três personagens conduzem a cena principal da narrativa se verá adiante.

Apresentado o trio principal de personagens, outros vão ocupando a cena, as páginas do volume. Inicialmente, três figuras ocupam a página seguinte: o pai, a esposa e o filho. Pelas roupas e adereços, vê-se estar diante de pessoas dotadas de poder econômico, o que é corroborado pela altivez da figura feminina a ostentar joias na orelha e no pescoço. Movida pela curiosidade, vem a indagação do filho ao querer saber quem eram aquelas pessoas.

A curiosidade, conforme se pode notar na cena, ocorre em função das personagens estarem no meio da rua ou em espaços públicos destinados ao movimento cotidiano dos transeuntes. Moradores de rua, pessoas em estado de vulnerabilidade física e psicológica, assim podem ser chamados aqueles a ocuparem os lugares em que passantes, carros e serviços devem se apresentar.

Sobre a realidade presente no volume infanto-juvenil *Aporofobia: você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento*, alguns dados mostram que, segundo o site “Agora RS” (2025), o número de pessoas em situação de rua no Brasil, em março de 2025, bate novo recorde, chegando ao número assustador de 335.151 pessoas.

A resposta da indagação do filho vem do personagem pai ao dizer que aquelas pessoas não eram NINGUÉM. O recurso da caixa alta soma-se a outras recorrências, como se discutirá adiante. Em textos que exploram imagens em sua forma de dizer, como quadrinhos e livros infanto-juvenis, é comum o uso do recurso da fala, o discurso direto, vir apresentado em balões. No caso da resposta do pai, as palavras escapam ao delineamento da forma do balão, como se estivessem caindo (de pesadas que são?). O peso

da indiferença da família abastada que passa deixa sua mensagem no olhar perplexo dos protagonistas.

Seguindo o curso narrativo da família dos personagens na rua, passa-se a uma outra imagem em que, mais uma vez, a impressão qualificada dos demais personagens ganham forma. Dois jovens do sexo masculino lançam sua maneira de perceber aqueles três da rua, afirmando que os acham fedidos. Mais uma vez, o recurso do discurso direto deixa palavras caindo da borda do balão que marca a fala da personagem. E um novo elemento surge na página: além da representação dos três personagens perplexos, o que é demonstrado pelo olhar, aparece, junto a eles, a palavra NINGUÉM, usada anteriormente por um personagem ao se referir ao trio. O recurso aparece em caixa alta, como todo o texto, talvez destacando a força que as frases e o conteúdo delas retêm.

Importante notar que a tensão entre as formas composicionais do livro, cores, formas, imagens, palavras, acentuam o significado das partes em direção a uma mensagem global. Ou seja, cada página tem sua leitura, sua constituição de significados, mas o todo, ou o volume em si é que transmite o significado geral.

Ainda no desenvolvimento da história, outras passagens, semelhantes às duas primeiras, em que personagens lançavam palavras e frases de cunho discriminador aos protagonistas, em função de sua situação de moradores de rua, continuam a acontecer. O resultado é um acúmulo de ofensas e desprezo a eles destinada. No lugar da rua em que se fixam e/ou residem, uma soma de vocábulos vai se incorporando em volta e sobre os três protagonistas e fazendo-os desaparecer na página do livro. As palavras NINGUÉM, FEDIDOS, MEDO, INFELIZES, FINGIMENTO, SUJA, LIXO, MÁS ESCOLHAS, PERIGOSOS, ATRAPALHAM e VAGABUNDOS (Franco, 2023), todas de sentido negativo, acumulam-se sobre aqueles personagens. Quando proferidas a pessoas, esse amontoado de sentidos pode destruir vidas.

Assim, considerando a necessidade do respeito à pobreza, à exclusão e à diferença, cabe lembrar o Inciso 1, Artigo 2, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, ao afirmar:

Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, **origem** nacional ou **social, riqueza**, nascimento, ou qualquer outra condição (ONU, 1948, grifo nosso).

Fonte de inspiração para muitos, a Declaração dos Direitos Humanos revela o descompasso entre o que apregoa e o que, de fato, ocupa e preenche os espaços sociais pelo Brasil e pelo mundo afora. Mesmo assim, o valor de sua consciência está aí a alertar a humanidade para o olhar sobre seus abismos e sobre tudo aquilo que atravança seu sentido verdadeiro de exercer a humanidade.

A literatura, por esse viés, pode e deve ser vista, aqui, como fonte emancipadora, como fonte de compreensão de diálogo com o real, como aquilo que humaniza, conforme pontua o crítico Antonio Candido (2004).

Invisibilizados pelo acúmulo de palavras, frases, injúrias e discriminações, os pobres, aqueles em situação de vulnerabilidade, os moradores de rua, os excluídos, personagens de um volume destinado ao público infanto-juvenil, resolvem questionar o que está posto. Nas últimas páginas da obra, logo após aparecerem “sufocados” pelo acúmulo de violência sofrida, vem a pergunta da menina, a filha. Ela indaga ao pai o motivo de aquelas pessoas (personagens) não gostarem delas. Desfazendo-se daquelas teias violentas que os acorrentavam, os personagens vão se deslocando e se libertando das amarras para, em uma última página, em um momento que pode ser descrito como o clímax da história, ter o pai respondendo aos filhos que aquelas pessoas, nem elas sabem por que não gostam dele.

O início, o meio e o fim demarcam a estrutura da narrativa em questão, com a presença de personagens que, se de início pareciam planos, tomam, a partir do momento em que desafiam a ordem posta e saem de previsibilidade, o lugar de personagens redondas, ou seja, aquelas que “apresentam várias qualidades ou tendências: proteicas, multiformes, complexas, repelem todo intuito de simplificação” (Moisés, 2004, p. 398).

A lição deixada na e pela narrativa excede as fronteiras do universo infanto-juvenil, dando à obra um estatuto político sério e merecedor de debates entre os pares leitores que dela fizerem uso. Ao nomear o que está atravessado em vidas e em seus inter-relacionamentos, a realidade inominada, a literatura cumpre papel desafiador de preencher, educar e humanizar pelos caminhos e escolas onde se deixa entrever.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar a leitura de um texto literário destinado ao público infanto-juvenil, o pequeno volume *Aporofobia: você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento*, como resultado, pode-se averiguar a dimensão complexa que a correlação estrutural entre as partes do texto determina no campo dos significados.

Fruto do tensionamento entre formas, cores e palavras, a obra explora nuances quase imperceptíveis do entrecruzamento desses elementos na composição do texto literário. Em formato de livro físico, o texto se põe em consonância com outros suportes detentores do signo literário nos dias atuais.

O que resulta da leitura desse livro é um trabalho em que os pormenores designam sentidos estéticos em que cada parte indica um significado, revelando que a leitura do texto literário se mostra sempre capaz de humanizar e dar nomes e sentidos a coisas que a realidade não consegue nomear.

Composto em forma de narrativa de ficção, a história desse livro elenca os elementos estruturais da narrativa, com destaque, na leitura aqui realizada, para o papel do personagem na construção da trama e na composição visual das ilustrações. Com seu significado geral decorrente do tensionamento dos elementos adequados ao livro, o enredo da obra traz a discussão de um tema complexo e de natureza política a ser problematizada em escolas e salas de aula do país.

Viver o sentimento do humano requer um olhar atento e isso é o que se configura na narrativa *Aporofobia*, conforme se pode apreender da explicitação de trechos da obra e de elementos da ficção.

Visto como uma possibilidade material de compreensão da realidade, o livro se coloca, aqui, como ponto de leitura dessa realidade, sendo, ele mesmo, um material a ser visto, interpretado e posto em circulação.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula**: caderno de análise literária. 3 ed. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: UNESP, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil**: história, teoria, análise (das origens orientais ao Brasil de hoje). 2. ed. São Paulo: Quíron/Global, 1982.

CORTINA, Adela. **Aporofobia, a aversão ao pobre**: um desafio para a democracia. Tradução Daniel Fabre. São Paulo: Contracorrente, 2020.

FRANCO, Blandina. **Aporofobia**: você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento. Ilustrações José Carlos Lollo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

HANSEN, João Adolfo. **O que é um livro?** São Paulo: Ateliê Editorial; Edições Sesc São Paulo, 2019. – (Coleção Bibliofilia, v. 1).

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

NÚMERO de pessoas em situação de rua no Brasil bate novo recorde. **Agora RS**. Vulnerabilidade social, 18 abr. 2025. Disponível em: https://agorars.com/cotidiano/situacao-de-rua-brasil-2025-cadunico-ufmg/?utm_source=chatgpt.com Acesso em: 03 ago. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 03 ago. 2025.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. *In*: CANDIDO et al. **A Personagem de Ficção**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 2001.

RECEBIDO EM: 30 de julho de 2025
APROVADO EM: 19 de agosto de 2025
Publicado em setembro de 2025